

FILOSOFIA E CIBERESPAÇO: UM DIÁLOGO TRANSDISCIPLINAR NO ENSINO MÉDIO

Luana Oliveira de Carvalho ¹

RESUMO

Esta pesquisa investiga a integração entre Filosofia e Ciberespaço como estratégia transdisciplinar no contexto do Ensino Médio de uma escola da Rede Pública Estadual da Bahia. Parte-se da compreensão de que tanto a Filosofia, em sua busca milenar por sentido, quanto o Ciberespaço, entendido como território virtual de comunicação e controle, compartilham a essência de transcender limites e promover o diálogo entre ideias e culturas. Ao buscar um caminho para repensar o papel da filosofia na era digital, o estudo parte do objetivo geral: analisar como o diálogo entre os conceitos de Filosofia e Ciberespaço pode contribuir para práticas pedagógicas transdisciplinares no ensino de Filosofia, o qual desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) compreender as percepções dos docentes sobre a inserção do ciberespaço nas práticas filosóficas; (ii) identificar atividades em sala que articulem filosofia e ambientes virtuais de forma transdisciplinar e (iii) refletir sobre os impactos éticos e educacionais da presença do ciberespaço no processo formativo dos(as) estudantes. O levantamento dos dados se dará por meio de abordagem qualitativa, do tipo participante e de caráter exploratório. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Pierre Lévy, Manuel Castells, Da Silva, Platão e Edgar Morin, dialogando com os conceitos de cibernética, transdisciplinaridade e cultura digital. O levantamento dos dados será feito por meio de observações em sala de aula, aplicação de questionário com professores do Ensino Médio de uma escola situada em Barreiras-BA e análise documental. Os dados serão analisados a partir da análise narrativa descritiva e de técnicas estatísticas simples. Os resultados esperados apontam para a valorização da Filosofia como disciplina formadora de pensamento crítico e ético em um mundo digitalizado, além de destacar a relevância do ciberespaço como ferramenta pedagógica e de construção de sentidos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Filosofia, Ciberespaço, Docentes, Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

A história do pensamento humano é atravessada por metáforas e espaços simbólicos que buscam dar sentido à experiência de existir, comunicar e transformar o mundo. Nesse percurso, o termo “ciberespaço”, embora recente em sua formulação, carrega raízes antigas que remontam ao imaginário grego, às tradições medievais, ao florescimento da modernidade tecnológica e, mais recentemente, à realidade da

¹ Mestra em Ensino pela Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB, luana7oliveira16@gmail.com



inteligência artificial. Mais do que uma palavra, “ciberspaço” expressa a busca humana por ultrapassar os limites do físico e projetar-se em territórios de criação, controle e interação. No contexto da Educação, em todos os espaços, aqui faço um recorte da escola pública, esse espaço se configura como ambiente simbólico em que os(as) jovens reelaboram sentidos, constroem identidades e estabelecem formas de pertencimento. Diante dessa realidade, o Ensino de Filosofia se vê desafiado a refletir sobre esse novo espaço e a renovar-se, dialogando com as experiências digitais dos(as) estudantes para se afirmar como campo de reflexão crítica e de mediação entre cultura, ética e tecnologia.

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do Ensino Médio da Rede Pública Estadual da Bahia, busca compreender como a integração diálogo entre Filosofia e Ciberespaço pode contribuir para práticas pedagógicas transdisciplinares, constituindo um caminho de aproximação entre saberes escolares e vivências estudantis. O objetivo central consiste em analisar esse diálogo, desdobrando-se em metas específicas como: compreender as percepções docentes sobre a inserção do ciberespaço nas práticas filosóficas, identificar atividades em sala que promovam a articulação entre Filosofia e tecnologias digitais, e refletir sobre os impactos éticos e educacionais da presença do ciberespaço no processo formativo dos(as) estudantes.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, do tipo participante e de caráter exploratório, com base em observações em sala de aula, aplicação de questionários e análise documental. O referencial teórico fundamenta-se em autores como Pierre Lévy, Manuel Castells, Da Silva e Platão, que dialogam com conceitos de cibernética, transdisciplinaridade e cultura digital. Os dados são tratados a luz da teoria de Edgar Morin, com a análise narrativa descritiva e de técnicas estatísticas simples, o que possibilita tanto a compreensão interpretativa quanto a sistematização de tendências observadas.

As discussões e resultados apontam que a Filosofia, quando integrada ao universo digital dos(as) estudantes, amplia sua relevância pedagógica e formativa, fortalecendo a construção do pensamento crítico e ético em um mundo marcado pela velocidade da informação e pela pluralidade de discursos. Observa-se ainda que o ciberespaço, longe de ser apenas uma ferramenta de comunicação, apresenta-se como território pedagógico capaz de potencializar a reflexão filosófica e de enriquecer o diálogo interdisciplinar no ambiente escolar.

Conclui-se, portanto, que a investigação reafirma a necessidade de inserir o ciberespaço como aliado na prática educativa, fortalecendo o papel da Filosofia como



disciplina que não apenas questiona e interpreta o mundo, como também prepara os(as) estudantes para atuar de modo consciente, crítico e criativo em uma sociedade cada vez mais atravessada pela tecnologia.

METODOLOGIA

Por compreender que a investigação sobre o diálogo entre Filosofia e Ciberespaço, no contexto escolar, demanda uma aproximação sensível com o ambiente educativo e com os sujeitos que dele participam, o percurso metodológico desta pesquisa foi delineado a partir de uma abordagem qualitativa, do tipo participante e de caráter exploratório. A escolha por este delineamento está fundamentada na necessidade de captar percepções, práticas e reflexões docentes acerca dos impactos da imersão em ambientes digitais dos(as) estudantes e de seus desdobramentos no Ensino de Filosofia no Ensino Médio da Rede Pública Estadual da Bahia.

Com sua ênfase na interpretação e compreensão dos fenômenos em seus contextos naturais, a pesquisa qualitativa é particularmente adequada para tratar temas que demandam uma investigação mais subjetiva e contextualizada. Concentra na compreensão aprofundada e na interpretação das características sociais, culturais ou humanas. Busca explorar a complexidade e a riqueza das experiências, significados e contextos envolvidos em um determinado interesse.

Pesquisas de abordagem qualitativa visam compreender o mundo, torná-lo visível, por meio de práticas materiais e interpretativas, permitindo, assim, a descrição e a explicação dos fenômenos sociais em seus contextos naturais (FLICK, 2009; DENZIN e LINCOLN apud CRESWEL, 2014).

A escolha da pesquisa participante se justifica pelo fato de que a autora desta dissertação atua como docente na escola lócus da investigação, cenário que me coloca diretamente relacionada no cotidiano e nas experiências dos(as) sujeitos(as) da amostra, sendo assim parte ativa do processo investigativo.

De acordo com Cohen, Manion, Morrison (2018):

A pesquisa participante rompe a separação entre o pesquisador e os participantes; o poder é igualado e, efetivamente, eles podem fazer parte da mesma comunidade. A pesquisa torna-se um empreendimento coletivo e compartilhado em várias esferas, incluindo: interesses de pesquisa, agendas e problemas; geração e análise de dados; equalização de poder e controle sobre os resultados da pesquisa, produtos e usos; desenvolvimento da voz, autoria e



propriedade do participante; agendas emancipatórias e objetivos políticos; uma abordagem orientada a processo e resolução de problemas; e responsabilidade ética e comportamento (COHEN; MANION; MORRISON, 2018, p. 441).

Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é exploratório, ao qual, caracteriza-se pela busca por informações, conceitos ou teorias preliminares que possam orientar estudos mais detalhados de um fato ou fenômeno. Conforme afirma Gil (1991), pesquisas exploratórias objetivam facilitar familiaridade do pesquisador com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara.

Para a coleta de dados, foram utilizados três instrumentos principais: (i) observação em sala de aula, a fim de acompanhar o desenvolvimento de atividades que envolvessem a articulação entre conteúdos filosóficos e recursos digitais; (ii) aplicação de questionário junto aos docentes da escola pesquisada, localizado no município de Barreiras-BA, visando compreender suas percepções, práticas e desafios relacionados ao tema; e (iii) análise documental, contemplando diretrizes curriculares, projetos pedagógicos e registros internos da instituição, que possibilitaram situar a prática docente no contexto da cultura digital.

A observação é uma ferramenta que possibilita a análise de eventos, comportamentos ou fenômenos em seu contexto original de ocorrência. De acordo com Danna e Matos (2014), a observação é um instrumento crucial na coleta de dados, utilizado para extrair informações que permitem interpretar suposições sobre a realidade investigada. Quanto ao questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

O tratamento dos dados seguiu duas perspectivas complementares: a análise narrativa descritiva, que permitiu interpretar qualitativamente as falas, percepções e experiências relatadas pelos participantes; e a aplicação de técnicas estatísticas simples, empregadas para sistematizar e organizar as informações obtidas a partir dos questionários, garantindo uma visão mais ampla dos padrões identificados.

A pesquisa respeitou os preceitos éticos da investigação em Ciências Humanas, assegurando a preservação da identidade dos participantes por meio do uso de pseudônimos e da confidencialidade das informações coletadas. No que se refere ao uso de imagens, não houve exposição direta de registros visuais de estudantes e, caso



houvesse necessidade, os devidos termos de consentimento seriam solicitados conforme orientações éticas vigentes.

Dessa forma, a metodologia adotada não apenas orientou a construção e a análise dos dados, mas também reforçou a natureza participativa e transdisciplinar da investigação, alinhando-se ao propósito de valorizar o ensino de Filosofia como espaço de reflexão crítica e diálogo com a cultura digital.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na Antiguidade grega, a raiz etimológica do termo “ciber” provém de *kybernetes* (κυβερνήτης), que significa “piloto” ou “timoneiro”. Platão, ao utilizar essa metáfora em seus diálogos, ampliou o conceito para a “arte de governar”, isto é, a capacidade de conduzir o destino humano e social. Para além do pragmatismo político, os gregos também criaram espaços imateriais a partir dos mitos e da imaginação: a poesia de Homero e as narrativas cosmogônicas dos pré-socráticos já desenhavam universos simbólicos que funcionavam como verdadeiros protótipos de ciberespaços narrativos.

Na Idade Média, o imaginário do sobrenatural ganhou destaque. O espaço “além do visível” passou a ser povoado por concepções de anjos, demônios e mundos espirituais que transcendiam o material, sustentados por tradições religiosas e filosóficas. Esse “ciberespaço medieval” era menos tecnológico e mais metafísico, um território de interação entre o humano e o divino, que, segundo Eco (1986), moldava identidades e explicava fenômenos a partir da imaginação cristã.

Com a modernidade e, sobretudo, a invenção da cibernética por Norbert Wiener (1948), o termo ganhou novos contornos. O controle e a comunicação em máquinas e organismos vivos inauguraram uma forma inédita de pensar sistemas, o que, posteriormente, seria associado às redes digitais. Na década de 1980, William Gibson, em *Neuromancer* (1984), cunhou o termo “cyberspace” para descrever um universo virtual que já antecipava o nascimento da internet como espaço de conexão global. Pierre Lévy (1999), por sua vez, resgatou essa concepção e ampliou-a ao definir o ciberespaço como o território do saber coletivo e da inteligência compartilhada, um espaço de comunicação que transcende fronteiras.

Na contemporaneidade, o ciberespaço se transforma novamente com a ascensão da inteligência artificial, que redefine o modo como interagimos com informações, imagens e até com a própria linguagem. No cenário híbrido da educação, onde o



aprendizado pode ocorrer a qualquer momento e lugar através de ferramentas digitais, surgem tantas oportunidades quanto desafios. Além de recursos tecnológicos, é crucial a formação contínua dos(as) professores(as) para integrar essas novas realidades ao ensino de forma crítica e significativa, orientando os(as) estudantes na compreensão de conceitos complexos e estimulando a reflexão e a análise crítica sobre a natureza das interações digitais.

É nesse cenário que a Filosofia se torna uma bússola indispensável para os(as) estudantes. Ela não apenas os(as) orienta na compreensão de conceitos complexos e abstratos, como os(as) ajuda a questionar e refletir sobre a própria natureza das interações digitais estimulando a capacidade de análise.

Hoje, como lembra Da Silva (2014), o ciberespaço é produto de nossa cultura, um espaço abstrato sustentado por bases físicas, onde ideias, identidades e valores são constantemente negociados. A IA acrescenta uma nova camada a esse território: a capacidade de simulação, interpretação e criação autônoma, que amplia tanto as possibilidades de emancipação quanto os desafios éticos e políticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um contexto de crescente digitalização da sociedade torna-se evidente a necessidade de uma educação filosófica que dialogue com os desafios da era digital. A Filosofia, tradicionalmente voltada para a reflexão sobre a existência, a ética e o conhecimento, precisa adentrar o universo digital no intuito de preparar os(as) jovens para enfrentarem os dilemas morais, estéticos e identitários que emergem nesse novo ambiente.

Os resultados obtidos ao longo da investigação revelaram que, embora os(as) estudantes reconheçam a importância dos conceitos filosóficos com relação aos seus comportamentos e suas interações no ciberespaço, essa conexão ainda é incipiente. Muitas vezes, os(as) estudantes possuem uma compreensão conceitual superficial e fragmentada sobre as informações as quais eles(as) tem acesso.

Nesse contexto, a análise dos dados obtidos a partir da observação em sala de aula, da análise documental e das produções discentes possibilitou identificar três categorias principais que sintetizam os achados da pesquisa: as percepções sobre o ciberespaço, as práticas pedagógicas transdisciplinares e os impactos éticos e educacionais da presença do digital na formação juvenil.



1. **Percepções sobre o ciberespaço no Ensino de Filosofia** – As percepções docentes e discentes acerca do ciberespaço revelaram uma ambivalência característica, marcada por tensões entre o potencial pedagógico das tecnologias digitais e os riscos de dispersão, superficialidade e alienação cognitiva. Os professores reconhecem que o ciberespaço, ao permitir a circulação de informações e a interação contínua entre estudantes, pode enriquecer o ensino de Filosofia, tornando-o mais dinâmico e conectado ao universo juvenil. No entanto, manifestam também preocupação quanto à dificuldade de manter o foco reflexivo diante da avalanche informacional e das lógicas de distração típicas das redes digitais.

Essas percepções dialogam com a concepção de Pierre Lévy (1999), que compreende o ciberespaço como um “ecossistema simbólico” e colaborativo, no qual o conhecimento é constantemente produzido e compartilhado. Contudo, para que essa potência se concretize no ambiente escolar, é necessária uma mediação crítica, capaz de transformar o acesso à informação em reflexão filosófica. Assim, a ambivalência observada não indica um obstáculo, mas a necessidade de reconstruir o papel docente frente às novas linguagens do digital, reafirmando o caráter formativo da Filosofia como disciplina de pensamento e não apenas de transmissão de conteúdo.

2. **Práticas pedagógicas transdisciplinares** – A segunda categoria, referente às práticas pedagógicas transdisciplinares, emergiu a partir da observação das atividades desenvolvidas nas aulas de Filosofia em diálogo com a Biologia e a Psicologia. Essa integração evidenciou um movimento de superação da fragmentação dos saberes, possibilitando ao estudante compreender a complexidade de temas como identidade, emoção, cognição e ética digital. As discussões articuladas entre as áreas permitiram que os jovens analisassem suas experiências no ciberespaço não apenas como usuários, mas como sujeitos que pensam e sentem, situados em contextos biológicos e socioculturais.

Essas práticas refletem a perspectiva transdisciplinar defendida por Edgar Morin (2005), para quem o conhecimento contemporâneo precisa reconhecer as inter-relações entre ciência, cultura, tecnologia e subjetividade. No contexto da pesquisa, essa integração se traduziu em sequências didáticas que



estimularam o diálogo entre razão e emoção, entre corpo e mente, entre real e virtual — aspectos fundamentais para a formação ética e crítica do estudante conectado. Assim, a transdisciplinaridade se mostrou um caminho eficaz para renovar o ensino de Filosofia e ampliar sua relevância na escola pública.

3. Impactos éticos e educacionais do ciberespaço – A terceira categoria diz respeito aos impactos éticos e educacionais da presença do ciberespaço na vida dos estudantes. A análise das produções textuais e imagéticas revelou que os jovens não apenas reproduzem conteúdos digitais, mas reelaboram sentidos, afetos e pertencimentos a partir de suas interações virtuais. As charges e textos selecionados expressaram tanto o encantamento com o poder das redes quanto a inquietação com a perda de vínculos reais e com a formação de autoimagens idealizadas, frequentemente influenciadas por padrões estéticos e comportamentais impostos pelo meio digital.

Esses achados corroboram as reflexões de Manuel Castells (2003) sobre a “sociedade em rede”, na qual as relações humanas e identitárias são mediadas por fluxos de informação e comunicação simbólica. No espaço digital, o sujeito experimenta novas formas de pertencimento e de construção identitária, mas também enfrenta os riscos de isolamento e de fragilidade emocional. Ao reconhecer essas tensões, a Filosofia se afirma como campo de resistência e de formação ética, promovendo um olhar crítico sobre os modos como o indivíduo se relaciona consigo e com o outro na era da conectividade.

Os achados empíricos estão sintetizados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Achados empíricos, Luana (2025).

Categoria	Achados Principais	Referências Teóricas
Percepções sobre o ciberespaço	Ambivalência entre potencial pedagógico e riscos de dispersão	Lévy (1999)
Práticas transdisciplinares	Integração Filosofia-Biologia-Psicologia; debates sobre identidade e ética	Morin (2005)
Impactos éticos e educacionais	Estudantes reelaboram sentidos, afetos e pertencimentos no digital	Castells (2003)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, Luana, 2025.



As três categorias, quando analisadas em conjunto, revelam que o ensino de Filosofia, ao se conectar às vivências digitais, amplia sua função social e educativa. A Filosofia passa a atuar como mediadora entre o sujeito e o mundo digital, ajudando o estudante a compreender que a liberdade de expressão nas redes demanda responsabilidade, empatia e consciência crítica. A análise narrativa e os dados sistematizados evidenciam que o ciberespaço, longe de ser inimigo da educação, constitui um território de diálogo, de reconstrução de sentidos e de formação humanizadora. Em suma, a investigação confirma que a escola pública, quando se apropria pedagogicamente do ciberespaço, pode transformar a cultura digital em um espaço de aprendizagem ética e emancipadora, fortalecendo a Filosofia como disciplina essencial na formação de sujeitos reflexivos, autônomos e conscientes do seu papel no mundo — real e virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu concluir que o ciberespaço não deve ser entendido apenas como ferramenta tecnológica ou recurso didático, mas como um território pedagógico transdisciplinar, no qual diferentes tradições filosóficas e culturais dialogam com as experiências cotidianas dos(as) estudantes. A inserção crítica do ciberespaço no ensino de Filosofia revelou-se estratégica para aproximar o currículo escolar das vivências juvenis, ampliando as possibilidades de reflexão ética, política e cultural no espaço escolar.

Se antes, na Antiguidade, o mito e a filosofia constituíam lugares de construção coletiva de mundos possíveis, hoje o ciberespaço cumpre essa função ao articular narrativas, identidades e saberes em escala global. A Filosofia, nesse contexto, mantém-se relevante ao oferecer as ferramentas críticas para questionar, reinterpretar e reconstruir essas experiências, tornando o estudante não apenas consumidor de informações, mas sujeito autônomo e criador de significados.

Assim, ao articular Filosofia e Ciberespaço, a pesquisa reforça que a escola pública pode e deve se constituir como espaço de mediação entre juventude e cultura digital, assumindo papel ativo na formação de sujeitos conscientes, reflexivos e engajados. Trata-se de um desafio contemporâneo, mas também de uma oportunidade histórica de reafirmar a relevância da Filosofia como disciplina que contribui, de maneira singular, para a emancipação intelectual e ética no século XXI.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. 8th ed. New York: Routledge, 2018.

CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4th ed. Thousand Oaks: SAGE, 2014.

DANNA, Gilberto; MATOS, Liliane. **Métodos e técnicas de pesquisa em educação**. São Paulo: Atlas, 2014.

DA SILVA, Márcio. **Ciberespaço e cultura: reflexões sobre o virtual**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIBSON, William. **Neuromancer**. New York: Ace Books, 1984.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

WIENER, Norbert. **Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine**. Cambridge: MIT Press, 1948.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

